



FICHE, Natália Ribeiro. Teatro na Prisão: uma experiência pedagógica. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Professora Assistente.

## **RESUMO**

O Teatro na Prisão em seus 15 anos, através de suas ações e reflexões torna visível o processo de ressocialização do detento e a formação dos discentes e docentes. O objetivo é estimular a aquisição da linguagem teatral e despertar a consciência para cidadania, proporcionando às pessoas envolvidas experimentar, analisar e refletir sobre teorias e práticas da linguagem teatral e seu papel nos processos sociais. Utilizamos uma metodologia qualitativa cuja preocupação do pesquisador é desempenhar papéis de participante e de observador. Uma dupla vivência pedagógica circunda o projeto colocando docentes e discentes em posição estratégica para pensar e repensar as práticas pedagógicas de modo aberto e como construção coletiva, privilegiando o espaço para o jogo. Cada trabalho na prisão é precedido por oficinas realizadas na Universidade, construídas a partir das vivências da equipe. Faz-se um trabalho teórico, a fim de fundamentar o que está sendo realizado nas penitenciárias. O projeto possibilita que os alunos desenvolvam junto aos detentos das penitenciárias um trabalho sistemático e contínuo de teatro social: estabelecendo um diálogo entre os dois pólos - academia e prisão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro social; educação; cidadania

## **ABSTRACT**

“Theatre in Prison” has evidenced, in its 15 years experience of action and reflection, the process of re-socialization of the prisoner and the formation of students and professors. The aim is to stimulate the acquisition of theatrical language and awaken consciousness of citizenship, providing participants to experiment, analyze and reflect on theory and practice of theatre language and its role in social process. We use qualitative methodology with the aim to execute roles of participants and observers. A pedagogical experience encircles the project providing strategical positions of both, professors and students, to reflect on pedagogical methods in an open-minded way leading to playful collective construction. Each session in prison is preceded by a workshop at the University, and based on collective experience. A theoretical work is elaborated to provide data-base for the work in prison. The project facilitates co-operation between students and prisoners developing a systemic work of social theatre and establishing a dialogue between two poles – Academy and Prison.

**KEY-WORDS:** Social theatre; education; citizenship

O Projeto de Extensão *Teatro na Prisão – uma experiência pedagógica em busca do sujeito cidadão*, foi iniciado em julho de 1997 com a presença do Professor Paul Heritage da Universidade de Londres que, enquanto bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e, a convite do Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT, atual PPGAC, e da Direção da Escola de Teatro juntou-se aos docentes e discentes da Escola de Teatro da UNIRIO para sua implementação na Penitenciária Lemos Brito. Devido aos impactos obtidos – artístico, comunitário e pedagógico –, a equipe decidiu pela continuidade do projeto, no contexto das atividades de Extensão do Departamento de Interpretação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A coordenação ficou a cargo das docentes Maria de Lourdes Naylor Rocha – Bacharel em Direção Teatral pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, Mestre em Teatro na Educacional (Educational Theatre) pela New York University – NYU, Doutorado em Teatro pelo PPGAC da Escola de Teatro – UNIRIO com a tese *Teatro na prisão: a dramaturgia da prisão em cena* e professora de Teatro Educação do Departamento de Interpretação – UNIRIO e por mim, Bacharel em Fonoaudiologia, Especialista em Educação Estética – UNIRIO, Mestre em Teatro pelo PPGAC da Escola de Teatro – UNIRIO com a dissertação *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*, e professora de Técnica e Expressão Vocal do Departamento de Interpretação – UNIRIO.

Em 2009, entra no projeto a docente Viviane Becker Narvaes, Bacharel e Licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Teatro – UNIRIO, Mestre em Teatro pelo PPGAC com a dissertação *Trajетórias do corpo, marcas de resistência* e professora do Departamento de Licenciatura de Teatro – UNIRIO.

Ao longo de todos esses anos, oficinas e encenações de teatro foram realizadas com os detentos(as) do Complexo Penitenciário Frei Caneca: Penitenciária Lemos Brito, Presídio Nelson Hungria e Casa de Custódia Romero Neto. Em 2007, esse Complexo Prisional foi desativado e transferido para Bangu. Atualmente atuamos em duas Penitenciárias em Bangu: Penitenciária Lemos Brito- masculina e Penitenciária Talavera Bruce - feminina.

Sob o ponto de vista do docente e discente / ator e diretor trabalhando nesse espaço, traz à tona questões essenciais na nossa formação. É um espaço em que o estado de tensão é constante entre os detentos, e ainda, o grau de tensão vai depender da direção e da equipe de funcionários do dia influenciando, diretamente, a nossa equipe.

No início do Projeto utilizávamos diversas metodologias como: o Teatro do Oprimido formulado por Augusto Boal, com os procedimentos das quatro categorias: sentir o que se toca, escutar tudo que se ouve, ativando os vários sentidos, ver tudo que se olha, provocando o conhecimento através dos sentidos e não das palavras; a questão da quebra da quarta parede abordada no teatro de

Brecht; a liberdade de criação nos processos de improvisação desenvolvidas nas obras de Viola Spolin; a sensibilização através da música orgânica - as relações do corpo presente estimuladas através da prática do contato-improvisação<sup>1</sup>; e Jean-Pierre Ryngaert com os quatro indutores: espaço, imagem, personagem e texto e as quatro zonas de consciência.

Acreditávamos que aquele lugar de estágio docência para os alunos, também incluía a possibilidade de experimentação; por isso não seguíamos uma única metodologia. Ao início de cada ano, com as mudanças de equipe, reavaliava-se a metodologia.

Havia também a diferença entre as penitenciárias, onde a feminina acolhia mulheres cumprindo pena curta, as que não haviam sido julgadas e aquelas em estado de custódia esperando julgamento para serem libertadas ou enviadas a outras instituições prisionais. As celas eram coletivas. Nessas penitenciárias havia um rodízio enorme das detentas, por isso a metodologia aplicada tinha que seguir o fluxo das mudanças.

Já a Penitenciária Lemos Brito – masculina, recebia detentos por crimes hediondos de penas longas, mas que tinham bom comportamento, além de presos com escolaridade superior. Atualmente as duas penitenciárias contam com presos cumprindo penas longas.

Trabalhávamos nas duas penitenciárias com textos e metodologias diferentes, de acordo com a experiência de cada equipe e com a característica da penitenciária. O trabalho foi se desenvolvendo a partir da relação com o preso e a prisão. Nos trabalhos de encenação aparece o preso, a prisão e a academia.

Atualmente, após 15 anos de Projeto de Teatro na Prisão, estamos propondo desenvolver um trabalho único para as duas penitenciárias, masculina e feminina; a experimentação do uso de uma única metodologia e um único texto da literatura, para as oficinas e encenações. Pela estrutura acadêmica exigida, a cada semestre existe um rodízio de alunos. Com essa escolha, de uma mesma orientação metodológica para as duas unidades, estaremos simplificando a participação dos discentes e conseqüentemente, a execução das oficinas e encenações. As equipes poderão ser remanejadas entre as unidades prisionais. Pretende-se, com isso, possibilitar o aprofundamento nos objetivos e seus resultados.

Como parte do aquecimento vocal e corporal, proponho exercícios rítmicos e vocais da Música Orgânica criado por Ricardo Oliveira. Ao usarmos a voz de outras maneiras, ampliando os seus limites, permitindo que outras áreas vibrem: o Canto das Vogais – fundamental para as práticas vocais e através do caminhar: direito-esquerdo, de desequilíbrio e equilíbrio, e de locomoção – O Caminhar o

---

<sup>1</sup> O Contato Improvisação foi criado e desenvolvido no início dos anos 70, a princípio nos EUA, por Steve Paxton.

Tempo - essencial para as práticas rítmicas e composições coletivas. *Quando as pessoas Caminham o Tempo juntas, elas se sentem fazendo parte de um mesmo barco, uma tribo ou um grande coletivo. Daí tudo fica mais fácil.* (Oliveira, 1996:94) Este trabalho sensibiliza o ator em cena, possibilitando a expansão dos vários tipos de estados de consciência, dando ritmo às sensações e acolhendo os pensamentos.

Para as práticas de encenação e oficinas de preparação teatral utilizaremos a metodologia de Jean Pierre Rynngaert com seus quatro indutores e as quatro zonas de consciência. É um processo de conhecimento de si mesmo que utiliza o jogo como elemento intermediário, ajudando o ator a se revelar enquanto homem e cidadão. O homem como centro da cena em confronto consigo mesmo, diretamente ligado, interferindo, se colocando, contracenando com os colegas; todos fazendo parte de um mesmo processo e sendo revolucionados por ele.

Atualmente as duas penitenciárias contam com presos cumprindo penas longas. Os detentos ficam trancafiados na maior parte do tempo, e a ociosidade reina na instituição. O exercício de expressão no teatro desperta o desejo e o poder de reinventar suas histórias e criar possíveis saídas para suas existências enclausuradas num movimento em direção à liberdade da prática de si. Na prisão, o teatro funciona como resistência. Resistir é um ato de liberdade.

Quando perguntamos aos discentes que influência teve esse trabalho, todos respondem sempre que descobriram a potência do teatro em suas vidas ao participarem do projeto de extensão Teatro na Prisão.

Nosso principal objetivo não é transformar as pessoas. O teatro dentro de uma penitenciária cria novas possibilidades de tempo e espaço diferente para eles. Os presos falam que nas nossas atividades sentem momentos de liberdade, e que através das improvisações e encenações, se transportam para outros locais.

No exercício da linguagem teatral, em que todos, sem exceção, estão envolvidos na ação dramática, uns observando e outros atuando, o homem passa a encontrar caminhos de expressão revelando seus afetos e conseqüentemente o que possui de humano. Trabalhar num universo opressor e de exclusão é desafiador para todos os envolvidos .

### **Referências:**

- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BORNHEIM, Gerd. *Brecht a estética do teatro*. Rio de Janeiro : Graal, 1992.

FICHE, Natália Ribeiro. *Teatro na Prisão: trajetórias individuais e perspectivas coletivas*. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Ricardo. *Música, Saúde e Magia Teoria e prática na Música Orgânica*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jogar, representar: práticas dramáticas e formação*. Tradução: cássia Rachel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ROCHA, Maria de Lourdes Naylor. *Teatro na Prisão: A Dramaturgia da Prisão em Cena*. Tese (Doutorado em Teatro) – Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. Tradução e revisão: Ingrid Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.